

Douglas Tufano

FÁBULAS ESCOLHIDAS
MONTEIRO
HISTÓRIAS PARA DISCUTIR
VALORES E COMPORTAMENTOS
LOBATO
ILUSTRAÇÕES DE VERIDIANA SCARPELLI

Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

Leitor fluente – 4º ao 6º ano do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Tom Nóbrega

Coordenação: Maria José Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*“Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer.”*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações inter-

personais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

♦ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

♦ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

♦ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

♦ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▷ do mesmo autor;
- ▷ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▷ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

Douglas Tufano

FÁBULAS ESCOLHIDAS
MONTEIRO
HISTÓRIAS PARA DISCUTIR
VALORES E COMPORTAMENTOS
LOBATO
ILUSTRAÇÕES DE VERIDIANA SCARPELLI

Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental
Leitor fluente – 4º ao 6º ano do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE OS AUTORES

Monteiro Lobato nasceu na cidade de Taubaté, no estado de São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Mais tarde, mudou-se para São Paulo, formando-se na Faculdade de Direito. Atuou como promotor público de 1907 até 1911. Abandonou o cargo e iniciou-se na vida de fazendeiro, após herdar a fazenda de seu avô. Mas o entusiasmo por essa atividade não durou e, como já estava escrevendo artigos para jornais e revistas, resolveu dedicar-se aos livros. Em 1921, Lobato publicou *A menina do narizinho arrebitado*. Faleceu no dia 4 de julho de 1948, em São Paulo.

Douglas Tufano nasceu em São Paulo. É formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo. Foi professor efetivo da rede oficial de ensino de São Paulo e trabalhou também em escolas particulares, tendo lecionado Português, Literatura Brasileira e História da Arte. Atualmente, ministra cursos de capacitação para professores de todo o Brasil, a convite de secretarias de educação e instituições particulares de ensino. É autor de vários livros didáticos e paradidáticos publicados pela Editora Moderna.

RESENHA

Quem imaginaria que um pequeno rato poderia vir a ser capaz de retribuir o favor a um leão que uma vez lhe salvara a vida? E que uma formiga poderia vir a ser tão útil para uma pomba quanto uma pomba para uma formiga? O mundo dos animais das fábulas pode nos proporcionar reflexões bastante interessantes a respeito das relações entre os humanos – afinal não falta quem desdenha daquilo que deseja como a célebre raposa das uvas ou quem dá tanto valor ao próprio tesouro que perde qualquer dimensão do seu propósito, tal como o insensato *Unha de Fome*. Não é à toa que se diz que as aparências enganam, como descobriria o pequeno rato ao sair do seu buraco pela primeira vez: não é que o dócil animal de pelo liso e aparência tão mansa que cochilava era, contra todas as expectativas, o tão temível gato que ameaçava a sua sobrevivência, e não o galo que, apesar de seu grito estridente, não lhe poderia fazer mal algum? A paz entre os humanos talvez esteja ainda mais longínqua do que a dos animais, falsamente anunciada por certa raposa espertalhona, que planejava devorar um galo que estava fora do seu alcance, apenas para terminar sendo ludibriada pela própria artimanha.

Em *Monteiro Lobato: fábulas escolhidas – Histórias para discutir valores e comportamentos*, Douglas Tufano faz uma seleção e apresentação bastante cuidadosa das fábulas recontadas e recriadas por Monteiro Lobato – cada narrativa é acompanhada por um cuidadoso glossário, perguntas para gerar reflexão e discussão e por vezes sugestões de leitura em voz alta. Douglas Tufano opta por um livro arejado e repleto de jogos de intertextualidade, procurando fazer com que seus jovens leitores percebam as analogias contidas no texto e se deem conta de como a fábula, segundo o autor, pode ser compreendida como *um modo indireto de falar do comportamento das pessoas* – e que, por serem matéria de reflexão, os textos do gênero, que remontam às criações de Esopo, que viveu no século IV a.C., continuam, de muitas maneiras, atuais. Por vezes, porém, é possível discordar da moral contida originalmente em uma fábula: o próprio Monteiro Lobato, em sua leitura da célebre *A cigarra e a formiga*, de La Fontaine, refuta a exaltação inflexível do trabalho e da produtividade do texto original para resgatar a dignidade das cigarras e dos artistas.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: fábulas.

Palavras-chave: fábula, relações sociais, moral, ética, astúcia, justiça.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Vida familiar e social; Educação em Direitos Humanos; Diversidade cultural.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental) e Leitor fluente (4º ao 6º ano do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Chame a atenção para o título e o subtítulo. Será que alguma das crianças já ouviu falar em Monteiro Lobato? Pergunte se já tiveram algum contato com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, por exemplo.
2. Será que os alunos sabem em que consiste uma fábula? No subtítulo do livro, lemos: *Histórias para discutir valores e comportamentos*. Proponha aos alunos que procurem definições das palavras *comportamento* e *valores* em diferentes dicionários.
3. Na imagem da capa, vemos uma série de animais vestidos com roupas humanas. Que animais são esses? Será que as crianças conseguem identificá-los?
4. Leia com a turma o texto da quarta capa. Proponha que cada uma das crianças pergunte a familiares e/ou amigos o que entendem por “*vaidade, egoísmo, solidariedade, mentira, esperteza*”, e registre suas respostas por escrito ou em áudio. Solicite em seguida que eles se reúnam em grupos e discutam as respostas dos entrevistados. Será que todos enxergam esses conceitos da mesma maneira ou as ideias variam? Por quê?
5. Proponha aos alunos que espiem o sumário. Quais dos títulos lhes despertam maior curiosidade?
6. Leia com a turma a apresentação a respeito da trajetória de Lobato, que fornece informações bastante relevantes sobre o percurso do autor. Chame a atenção para as fotografias que acompanham o texto, bem como para as legendas – elas têm um papel informativo tão importante quanto o texto em si.

7. Por fim, leia também com a turma o texto de Douglas Tufano a respeito das fábulas, que lhes permitirá compreender um pouco o teor das histórias que estão prestes a ler. Chame a atenção para a explicação da boneca Emília a respeito do gênero: “Eu acho que as fábulas são indiretas para um milhão de pessoas”. O que as crianças entendem por *indireta*?

Durante a leitura

1. Uma vez que a estrutura do livro, tal como elaborada por Douglas Tufano, é bastante dinâmica e procura estimular discussões e reflexões a respeito do conteúdo das fábulas, talvez seja mais interessante propor aos alunos que realizem uma leitura em pequenos grupos, parando para pensar e discutir cada um dos textos que leem.

2. Proponha às crianças que consultem, se necessário, o box com o glossário, que ajuda a compreender o sentido de palavras que não usamos com tanta frequência na vida cotidiana.

3. Chame a atenção dos alunos para a *moral da história* das fábulas, que aparece em boa parte dos textos. É possível reconhecê-la pela diagramação: o texto aparece em uma fonte diferente da moral, escrita na cor branca com um pano de fundo azulado.

4. Desafie os alunos a discutir, em pequenos grupos, cada uma das perguntas reflexivas propostas pelo autor, procurando traçar relações entre o comportamento dos personagens das fábulas e o comportamento humano.

5. Diga às crianças que tenham sempre seu caderno por perto durante a leitura, para realizar as atividades escritas propostas por Douglas Tufano, em diálogo com os textos. As crianças serão convidadas a dar títulos alternativos para as fábulas, enviar mensagens a determinados personagens, e assim por diante.

6. Estimule os alunos a reconhecer os personagens que aparecem nas belas ilustrações de Veridiana Scarpelli, procurando perceber como a artista cria leveza em suas imagens ao preencher apenas determinados contornos, enquanto outros permanecem “vazados”, delimitados apenas por linhas. Chame a atenção, ainda, para os padrões e estampas presentes nas roupas dos personagens.

Depois da leitura

1. Em alguns capítulos do livro, nos deparamos com uma seção chamada *Voz alta*, em que o autor

faz algumas indicações para que os alunos usem suas vozes para dar vida tanto à narração quanto aos personagens. Ora, essas indicações podem ser um interessante ponto de partida para que os alunos, em pequenos grupos, gravem um *podcast*, uma pequena peça radiofônica. Desafie-os a criar vozes para os personagens, efeitos sonoros com objetos cotidianos e, se desejarem, uma trilha sonora com fragmentos de músicas. Sugira às crianças que planejem tudo criando um pequeno roteiro, ensaiem e finalmente gravem a peça com o auxílio de um celular. Marque um dia para que apresentem a fábula radiofônica ao restante da turma – e, dependendo do resultado, pode ser interessante criar uma página do projeto em uma plataforma como *soundcloud* ou outra semelhante, para que as crianças possam compartilhar as gravações com amigos e com outras turmas da escola.

2. Nas páginas 34 e 35, em uma seção chamada *Vamos brincar de teatro?*, Douglas Tufano transforma a fábula do cão e do lobo em uma cena teatral. Proponha aos alunos que comparem as duas versões da mesma história e aproveite para apresentar a eles algumas das principais características de um texto dramático: rubricas sucintas, em vez de narrações e descrições, falas dos diálogos com indicação do nome dos personagens em destaque, predominância da linguagem oral, e assim por diante. Faça uma leitura dramática da cena com a turma e, em seguida, desafie os alunos a transformar uma das outras fábulas do livro em uma cena de teatro.

3. Traga para ler com os alunos as versões de Esopo e La Fontaine para a fábula *A cigarra e a formiga* – no caso de La Fontaine, sugerimos que o professor mostre a tradução feita pelo poeta português Bocage, disponível em: <http://mod.lk/hv4p8> (acesso em: 18 nov. 2019). Como se trata de um texto em forma de poema, que joga com muitas inversões da ordem usual das frases e um vocabulário complexo, vale a pena lê-lo com cuidado junto a seus alunos. Em seguida, converse com eles sobre a maneira como Monteiro Lobato subverte a moral da história original, criticando a atitude da formiga e defendendo a relevância do canto da cigarra – e da prática dos artistas.

4. Proponha aos alunos que realizem uma pesquisa a respeito da biografia de Esopo: é bastante provável que, ao se debruçarem sobre a trajetória do autor, se deem conta dos muitos mistérios que rondam a sua origem. Chame a atenção, em especial, para uma informação mencionada no artigo da Wikipedia que

trata do autor grego: “o mesmo nome *Esopo* poderia ser uma contração da palavra grega para *etíope*, um termo usado pelos gregos para se referir a todos os africanos subsaarianos”. Ora, as narrativas africanas têm como uma de suas principais características o fato de serem protagonizadas por animais; além disso, muitos animais que aparecem nos textos de Esopo não existem na Europa, mas sim na África. Seriam as fábulas, portanto, um gênero derivado das narrativas africanas? Sugerimos que o professor traga alguns contos de *A amizade eterna e outras vozes da África*, de autoria de Ilan Brenman e publicado pela Editora Moderna, para ler com a turma.

5. No capítulo *Pena de Papagaio*, de *Reinações de Narizinho*, talvez a obra mais célebre de Monteiro Lobato, Narizinho, Pedrinho e Emília se encontram com Esopo. Leia esse capítulo em voz alta com a turma. Chame a atenção para o modo como, no decorrer do capítulo, os personagens do Sítio do Picapau Amarelo cruzam, em muitos momentos, com os personagens das fábulas.

6. Na fábula *O gato vaidoso*, um gato cheio de privilégios despreza um gato igual a ele, mas que não teve a mesma sorte; em *O cão e o lobo*, um lobo se dá conta de que prefere passar fome e ser livre a ter a vida confortável, porém aprisionada, de um cão. Para discutir privilégios, desigualdade e liberdade, escute com os alunos a duas das can-

ções que apresentam os personagens principais do musical *Saltimbancos*, inspirado no conto de Grimm *Os músicos de Brêmen*, com dramaturgia de Sergio Bardotti e Luis Henríquez Bacalov, com música de Chico Buarque – *Um dia de cão* e *História de uma gata* (sugerimos que escutem a versão interpretada por Nara Leão, do disco lançado em 1977).

DICAS DE LEITURA

▮ do mesmo autor

Histórias da terra e do céu. São Paulo: Moderna.

Como surgiu o João-de-Barro. São Paulo: Moderna.

A carta de Pero Vaz de Caminha. São Paulo: Moderna.

Navegando pela mitologia grega. São Paulo: Moderna.

Jean Baptiste Debret. São Paulo: Moderna.

▮ do mesmo gênero

Fábulas de Esopo, recontadas por Russel Ash. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Fábulas de La Fontaine, traduzidas por Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade.

Fábulas de La Fontaine, traduzidas por Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Revan.

Fábulas italianas, de Italo Calvino. São Paulo: Companhia das Letras.

Moral da História – Fábulas de Esopo, recontadas por Rosane Pamplona. São Paulo: Elementar.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa “Leitura em família”, para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!